



Uso de combustíveis renováveis será fundamental para reduzir

emissões nas áreas de mobilidade, construção e agronegócio



Participantes do Webinar Sobratema debateram o futuro dos combustíveis nas áreas de transporte, construção, mineração e agronegócio

O Brasil tem a meta de ampliar de cerca de 25% para 30% o uso de combustíveis advindos de fontes renováveis até 2030. Assim, ano passado, o Ministério de Minas e Energia lançou

programa Combustível do Futuro, com a finalidade de aumentar participação de combustíveis renováveis e de baixo teor de emissões e desenvolver novos biocombustíveis.

“O programa possui relação direta com a descarbonização sustentável, mantendo a segurança energética do país. Com uma estrutura clara e metodologia robusta, avalia as demandas para motores ciclo *otto* e diesel, marítimo, aviação e híbrido, e integra seis políticas públicas ligadas ao tema, como o RenovaBio, Proconve e Rota 2030”, afirmou

Erwin

Franieck

diretor presidente do SAE 4Mobility, instituto de Inovação, Pesquisa & Desenvolvimento e Engenharia Avançada da SAE BRASIL, durante o

Webinar Sobratema

Combustíveis do Futuro nos Equipamentos de Construção

, promovido pela

Associação Brasileira de Tecnologia para Construção e Mineração (Sobratema)

, no dia 26 de maio.

Para Franieck, nesse cenário, o biodiesel, o HVO (Óleo Vegetal Hidrogenado) e outros biocombustíveis ganham protagonismo como caminho para descarbonização, viabilizados por regulação favorável e de investimentos. “O HVO não tem limitação do volume a ser misturado, tem propriedade mais estável, diminui as emissões, melhora a regulação do motor, e permite trabalhar na substituição de combustível fóssil por renovável”, avalia.

Contudo, **Daniel Zacher**, diretor geral da Tekter Consultoria, lembrou que ainda não existe unidade disponível em escala comercial no Brasil para a produção do HVO, cuja rota de fabricação é diferente da utilizada para a produção do biodiesel. Enquanto a primeira usa o hidrogênio, a segunda utiliza biomassa ou etanol.

Sobre o hidrogênio, Franieck comentou sobre o potencial do Brasil para ser um polo produtor e exportador de hidrogênio e que a perspectiva é que de 5 a 10 anos, essa fonte pode se tornar mais competitiva do que o diesel em termos de custo, o que levará a ter um HVO – diesel verde – de baixo custo. Sobre a produção do hidrogênio a partir do gás natural ou do biometano, ele lembrou que pode ser feita em vários locais, incluindo nas proximidades das minas. “É importante lembrar que quanto maior for a potência consumida mais interessante é usar célula a combustível e transformar energia localmente”, explanou.

A debatedora **Monica Saraiva Panik**, especialista em tecnologias de hidrogênio e células a

combustível, avaliou que cada região brasileira tem condições de produzir seu próprio combustível, utilizando fontes de energia diferentes. “Essa diversidade é a chave para o país realizar a descarbonização e se tornar independente do ponto de vista energético. Aliás, esse tema tem sido prioritário em todo o mundo”, explicou. Monica mencionou ainda que a produção de combustíveis alternativos variados pode contribuir na orientação e na diversificação de investimentos.

Já **Silvimar Fernandes Reis**, vice-presidente da Sobratema e presidente do Comitê ESG e de Sustentabilidade da associação, avaliou que problemas complexos exigem soluções igualmente complexas. “Nesse tema tão sensível e necessário a todos nós e ao planeta, o mix de várias soluções pode ser a saída da transição energética”, refletiu. Ele ainda lembrou que as construtoras e os prestadores de serviços do segmento também precisam fazer sua parte, revendo seus conceitos quanto à forma de produzir e executar as operações.

Fábio Magrin, líder da Unidade de Negócios de Nova Energia da Cummins, corroborou com a avaliação de Mônica e de Reis sobre não haver uma solução única. “Isso dependerá da aplicação, do tipo de máquina e onde ela estará operando”, disse. Ele ainda ponderou sobre a necessidade de se agir com pequenas mudanças tecnológicas, que incrementarão ganhos em sustentabilidade, com a redução das emissões. “Com isso, vai se criando escala para as novas tecnologias”, pontuou.

De acordo com ele, a área de mineração já está investindo para a redução da pegada de carbono. Por isso, no curto prazo, até sete anos, a hipótese, segundo Magrin, é se ter máquinas diesel e diesel/trolley para as operações em superfície e equipamentos diesel e bateria/elétrico para atividades subterrâneas. Já no longo prazo, a perspectiva é se ter equipamentos com motores de combustão interna a diesel, com combustível sintético, a célula à combustível ou com trolley e bateria de troca rápida.

Em sua apresentação, **Daniel Zacher**, da Tekter Consultoria, abordou ainda o uso do biodiesel ser uma realidade no país e sobre a possibilidade de ampliar o percentual do biodiesel no blend de combustíveis, que hoje está em 10% para até 20%. Falou sobre o biogás como alternativa para as regiões rurais, que poderia ser produzido a partir da biomassa e dos resíduos da produção animal. Ele citou também alguns exemplos de tecnologias na área agrícola, como o trator a biometano da New Holland Agriculture, a plantadeira híbrida da Jacto e o avião Ipanema com motor a etanol.

Mediado por Vagner Barbosa, o **Webinar Sobratema *Combustíveis do Futuro nos Equipamentos de Construção*** teve a saudação do engenheiro Afonso Mamede, presidente da Sobratema e a mensagem de **Rolf Pickert**, diretor geral da Messe Muenchen do Brasil, e contou com o patrocínio da Komatsu, Cummins, JCB, John Deere e Volvo, e o apoio do Movimento BW, da M&T Expo e da Smart.Con.

O evento está disponível no Canal da Sobratema no [Youtube](#).

Assessoria de Imprensa:



Mecânica Comunicação Estratégica

Tels.: (11) 3259-6688/1719

E-mail.: sylvia@meccanica.com.br